

PODER

Número de vítimas de raio em ato é recorde

Segundo o Inpe, a quantidade de pessoas atingidas pela descarga elétrica na manifestação bolsonarista, no domingo, foi a maior já registrada no Brasil

» LETÍCIA CORRÊA*
» WAL LIMA

Oraio que atingiu a passeata liderada pelo deputado Nikolas Ferreira (PL-MG), em Brasília, no domingo, foi avaliado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) como o que impactou o maior número de pessoas na história de registros no Brasil. De acordo com o órgão, houve, ao menos, 64 descargas elétricas no Distrito Federal no horário da manifestação.

O Corpo de Bombeiros informou que 89 pessoas precisaram de algum tipo de atendimento nas imediações da Praça do Cruzeiro, onde o grupo se concentrou. Desses, dezenas foram encaminhadas para hospitais da região. Onze delas exigiam maiores cuidados médicos, de acordo com a avaliação da corporação.

A maior parte dos manifestantes que deram entrada nos hospitais já recebeu alta. De acordo com a Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES-DF), 14 pessoas foram encaminhadas ao Hospital Regional da Asa Norte (Hran) depois do incidente. Desse total, três seguem internadas e estáveis. Um paciente foi transferido para o Hospital Santa Marta e outro recebeu alta a pedido para atendimento na rede privada.

O Instituto de Gestão Estratégica de Saúde do Distrito Federal (IgesDF) informou que o Hospital de Base do Distrito Federal (HB-DF) recebeu 27 pacientes vítimas da descarga elétrica e que todos eles já tiveram alta.

"Esclarecemos que todas as informações necessárias são repassadas diretamente aos familiares, conforme os protocolos vigentes. Reforçamos que o Hran, o Hospital de Base e as demais unidades da rede seguem preparados para o atendimento a qualquer eventualidade. Não houve registro de óbitos até o momento", escreveu o SES-DF, em nota.

Nikolas liderou o protesto, com início em Paracatu (MG) e fim em Brasília, contra a prisão do ex-presidente Jair Bolsonaro — condenado a 27 anos de detenção por tentativa de golpe de Estado e outros crimes — e dos extremistas do 8 de janeiro.

Mesmo ante as dezenas de feridos com a queda do raio, a manifestação não foi interrompida. Após o ato, Nikolas foi ao Hospital de Base e chamou o acontecimento de "incidente natural". "Fiz questão de vir aqui pessoalmente, mesmo após 255km rodados, mas aconteceu um incidente natural, não foi por irresponsabilidade nossa, não foi por falta de organização, não foi por tumulto", sustentou a jornalista, na ocasião.

Em entrevista ao programa Pânico, da Jovem Pan, ontem, após questionamento dos apresentadores sobre as pessoas atingidas em meio à chuva torrencial, o parlamentar declarou que, após tomar conhecimento do que aconteceu, imediatamente foi ao Hospital de Base visitar os feridos.



Vítimas atendidas no local da manifestação. Protesto continuou mesmo com as dezenas de feridos



**Foi um milagre
ninguém ter
morrido, pois caiu
um raio forte que
ricocheteou
nas pessoas"**

**Nikolas Ferreira (PL-MG),
deputado federal, em
entrevista à Jovem Pan**



Nikolas criticou o que chamou de exploração política do caso

Ele contou que 27 pessoas precisaram de atendimento médico e apenas duas vítimas permaneceram em observação hospitalar sem apresentarem quadro grave. O deputado classificou o episódio como um "livramento", pois, apesar da força do fenômeno climático, não houve mortes. "Foi um milagre ninguém ter morrido, pois caiu um raio forte que ricocheteou nas pessoas", relatou.

Nikolas também criticou a forma como o episódio foi explorado politicamente. "Tentaram criar uma narrativa em cima de mim por um incidente natural, enquanto ignoraram problemas como o rombo do INSS ou estatais quebradas sob o governo atual", afirmou. Ele sustentou que o objetivo da mobilização não foi eleitoral, mas um incentivo ao engajamento da população diante do cenário político nacional.

O parlamentar também disse que a manifestação cobrou a instalação de comissões parlamentares de inquérito para apurar supostos escândalos envolvendo o Banco Master e a continuidade das

investigações na CPMI do INSS.

"Além disso, temos objetivos claros: a liberdade dos presos do dia 8 através da derrubada do voto da dissimetria, o que beneficiaria muitas famílias, e a pressão para a instalação da CPMI sobre escândalos no INSS e no Banco Master. Mas, acima de tudo, quero que as pessoas abram os olhos para como cuidam de suas famílias e de seus filhos", frisou.

Oração

O PL emitiu uma nota se solidarizando com os manifestantes. "Nós nos unimos em oração, pedindo a Deus que todos os feridos se recuperem o mais breve possível. Agradecemos a todos que estavam no local, participando de um ato pacífico em prol do Brasil, assim como aos bombeiros, profissionais da saúde e equipes de emergência", destacou o partido.

A deputada Bia Kicis (PL-DF) afirmou ter conversado com oficiais do Corpo de Bombeiros e da Secretaria de Segurança Pública do DF não tinham se manifestado.

ato e não seria necessário cancelar o evento.

"A responsável pela manifestação aqui em Brasília era eu. Eu estava lá com um coronel do Corpo de Bombeiros, um coronel da Secretaria de Segurança Pública, que estava falando comigo o tempo todo. Eu perguntei muito claramente: 'Coronel, nós queremos orientação de vocês. É para encerrar a manifestação?'. E ele disse para mim:

'Não. Não faça isso. Pelo menos por enquanto, não é para fazer. A chuva já está se dissipando. A gente só quer que as pessoas saiam de debaixo das árvores e que desliguem o carro de som. Não adianta cancelar, porque as pessoas não vão embora, e elas não estão correndo risco ficando aqui agora. Já parou o raio, já parou a trovada. Se voltar, a gente cancela o evento'", ela declarou nas redes sociais, sem citar nomes. Até a publicação da reportagem, o Corpo de Bombeiros e a Secretaria de Segurança Pública do DF não tinham se manifestado.

***Estagiária sob a supervisão de Cida Barbosa**

» Descarga elétrica foi "vontade divina"

O deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) divulgou um vídeo em que o coach religioso Lamartine Posella atribui a uma "vontade divina" o raio que atingiu participantes da caminhada em Brasília, no domingo. O coach afirma que o episódio não deve ser interpretado apenas como um fenômeno natural e sustenta que o ocorrido estaria ligado a "batalhas espirituais", segundo ele perceptíveis apenas por quem teria "discernimento espiritual".

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao conversar com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, por 50 minutos, e aceitar seu convite para ir à Casa Branca, entrou numa perigosa saia justa política. De um lado, o presidente americano o trata com deferência pessoal ("eu gosto dele"), o convida para um organismo global recém-criado e ainda acerta uma visita do brasileiro à Casa Branca assim que Lula voltar da Índia e da Coreia do Sul, em fevereiro. De outro, está sobre a mesa uma negociação em torno de Gaza, da arquitetura internacional e, sobretudo, da Venezuela, depois da operação militar dos Estados Unidos que prendeu Nicolás Maduro. Tudo num ano eleitoral, em que o governo Lula precisa reduzir riscos externos e internos, com economia sensível, oposição com a faca nos dentes e eleições logo ali.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo

luizacedo.df@dabr.com.br



Lula conversa com Trump sobre Gaza e Venezuela, e visitará a Casa Branca

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao conversar com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, por 50 minutos, e aceitar seu convite para ir à Casa Branca, entrou numa perigosa saia justa política. De um lado, o presidente americano o trata com deferência pessoal ("eu gosto dele"), o convida para um organismo global recém-criado e ainda acerta uma visita do brasileiro à Casa Branca assim que Lula voltar da Índia e da Coreia do Sul, em fevereiro. De outro, está sobre a mesa uma negociação em torno de Gaza, da arquitetura internacional e, sobretudo, da Venezuela, depois da operação militar dos Estados Unidos que prendeu Nicolás Maduro. Tudo num ano eleitoral, em que o governo Lula precisa reduzir riscos externos e internos, com economia sensível, oposição com a faca nos dentes e eleições logo ali.

Na prática, o Brasil foi puxado para o centro de um tabuleiro instável, no qual Trump tenta redesenhar a ordem internacional com seu "Conselho de Paz", ao mesmo tempo em que acende um alerta máximo na América Latina com a intervenção militar na Venezuela que resultou na prisão de Nicolás Maduro e de Cilia Flores. Entrar ou não entrar no Conselho de Paz de Trump é um drama hamletiano para Lula. Aceitar pode legitimar uma estrutura de governança internacional personalista, com poderes concentrados e regras nebulosas, que muitos já veem como uma tentativa de "substituir" ou contornar o sistema da ONU. Recusar de pronto seria reabrir a rota de atritos com Washington, inclusive com o risco de retaliação econômica, arma de Trump na política externa.

Lula parece ganhar tempo para mitigar condições. Em nota, o Palácio do Planalto registrou que o presidente brasileiro sugeriu que o Conselho se restrinja à reconstrução e à pacificação da Faixa de Gaza, como previsto na resolução do Conselho de Segurança da ONU endossada em novembro passado, e que preveja assento para a Palestina. Ao mesmo tempo, Lula reiterou a defesa de uma reforma abrangente da ONU, com ampliação dos membros permanentes do Conselho de Segurança — velha bandeira da diplomacia brasileira. É puro Itamaraty: aceitar o diálogo, mas proteger o multilateralismo e a legitimidade institucional do sistema internacional.

O Conselho de Paz aparece como algo muito maior do que um mecanismo técnico para Gaza: documentos vazados e discursos do presidente americano sugerem um "guarda-chuva" para resolução de conflitos globais, com Trump como presidente e com um núcleo decisório dominado por integrantes de seu círculo íntimo, como Marco Rubio, Steve Witkoff e Jared Kushner. Não se cria "paz" por decreto de potência, ainda menos colocando o comando de um organismo internacional sob liderança vitalícia ou com poderes ilimitados. O nome disso é hegemonismo.

O Brasil sempre atuou como defensor da ONU — mesmo criticando a paralisação do Conselho de Segurança. Lula tem um discurso consistente: a Carta da ONU está sendo "rasgada" e o unilateralismo está tomando o lugar do multilateralismo. Ao dizer que Trump pretende criar uma "nova ONU" em que seria o "dono", Lula falou para sua base política e para o campo progressista internacional, que rejeitam soluções de força, tutela colonial e engenharia institucional trumpista.

O jogo impossível

Mas isso ocorre num contexto geopolítico delicado. A conversa com Trump ocorre após uma operação militar americana em território venezuelano, com grande impacto juntos aos líderes da América do Sul. Segundo o Palácio do Planalto, na conversa, Lula enfatizou a necessidade de preservar "paz e estabilidade" na região e trabalhar pelo bem-estar do povo venezuelano. No Itamaraty, há temor de que a Casa Branca desestabilize a região, contamine fronteiras, amplie fluxos migratórios e empurre países vizinhos para alinhamentos oportunistas e fragmentação diplomática.

Se Trump decidir que pode agir unilateralmente na América Latina, e que sua estratégia será "resolver" regimes adversários pela força, o Brasil fica numa situação difícil: Lula precisa evitar o caos regional sem romper com Washington e preservar sua liderança sul-americana sem parecer cúmplice de uma intervenção que fere princípios históricos da política externa brasileira, como não intervenção e solução negociada de controvérsias.

O Brasil também não pode entrar em uma turbulência comercial com os EUA em ano eleitoral. Trump já mostrou que tarifa também serve para chantagem política. Quando ameaça Macron com taxa de 200% sobre vinhos e champanhe, manda um recado ao planeta: quem desafiar publicamente o novo arranjo pode "pagar" na balança comercial. Lula enfrentou uma tarifação no ano passado e precisa de previsibilidade para exportações e investimentos, não pode correr o risco de importar uma crise econômica em pleno ano eleitoral.

Lula construiu parte de sua autoridade no retorno do Brasil ao centro da diplomacia com a articulação com Brics, a defesa do multilateralismo e a imagem de liderança do Sul Global. Trump oferece uma cena tentadora: na visita à Casa Branca, o "papel grande" no Conselho de Paz e a fotografia ao lado do "pacificador-chefe" do mundo. Para qualquer governo, especialmente um que gosta de símbolos, isso tem valor. Entretanto, para Lula também tem risco. Ir a Washington para conversar sobre Gaza e América Latina, sobretudo a Venezuela, sem aceitar a lógica desenhada por Trump e não provocar retaliação é o "jogo impossível" da diplomacia: negociar com o poder, sem se submeter ao poder; cooperar sem virar avalista; manter autonomia sem romper pontes.



Desbloqueie o seu cartão no aplicativo BRB Social e confira as malhas credenciadas.
Em caso de dúvidas procure a regional de ensino do seu filho.



Theo de Albuquerque
Escola Classe 204 Sul



**Cartão Uniforme Escolar.
Feito na medida certa
para 442 mil estudantes
das escolas públicas.**

Educacão